



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9056 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

Memórias da atuação educativa da indígena potiguara Maria Helena Gomes (1994-2009)

Lia Machado Fiuza Fialho - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Arliene Stephanie Menezes Pereira - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

Memórias da atuação educativa da indígena Potiguara Maria Helena Gomes

(1994-2009)

Resumo:

A pesquisa trata da biografia de Maria Helena Gomes, conhecida como Helena Potiguara, mulher educadora indígena de liderança reconhecida, na etnia Potiguara, por seu protagonismo educacional na cidade de Crateús-CE. Situado no campo da História da Educação, com aporte teórico na História Cultural, o estudo objetiva compreender a formação educativa e as práticas políticas, tecidas pela educadora Helena Potiguara, que lhe conferiram destaque na comunidade Potiguara (1994-2009). Por meio da metodologia da história oral de vida entrecruzada com fontes documentais, elabora-se uma narrativa biográfica hermenêutica com ênfase na trajetória educativa de Helena Potiguara. Os resultados demonstram que Helena Potiguara rompeu com o silenciamento de suas origens étnicas, protagonizando uma educação indígena diferenciada, o que lhe permitiu liderar mobilizações coletivas nas representações identitárias sobre os indígenas na cidade de Crateús.

Palavras-chave: História da Educação. Educação Indígena. Helena Potiguara.

A pesquisa se insere no campo da história da educação, mais especificamente da história de mulheres indígenas, ao tratar da atuação educacional de Maria Helena Gomes, doravante Helena Potiguara, como ficou conhecida em sua comunidade indígena. Ela consagrou-se personagem de referência entre os Potiguaras do estado do Ceará, em especial na região de Crateús, por sua capacidade de liderança e sua contribuição com o processo educativo da comunidade (LIMA, 2010).

Partindo da problemática: Que contribuições ao contexto educacional Potiguara permitiram que a indígena Helena Potiguara se tornasse uma educadora de referência nessa comunidade? Desenvolveu-se um estudo científico com o objetivo de compreender que ações, tecidas pela Helena Potiguara, conferiram-lhe destaque como educadora de referência na comunidade Potiguara (1994-2009). O recorte temporal foi delimitado considerando o ano de início de sua atuação docente em uma escola indígena não regulamentada e o ano de

inauguração oficial da escola pelo governo do estado.

A pesquisa foi do tipo biográfica (DOSSE, 2015), situada no campo da história da educação, amparada teoricamente na história cultural (BURKE, 1992) e metodologicamente na história oral de vida (ALBERTI, 2006), possibilitou reconstituir o contexto educacional e elaborar uma narrativa biográfica de Helena Potiguara. Mulher cuja trajetória de vida esteve marcada pelas suas atuações educacionais e militância política, que lhe possibilitaram protagonizar uma formação indígena diferenciada não apenas entre as etnias que compõem a comunidade Potiguara, mas também no seu entorno.

Importa destacar que o gênero biográfico deste estudo, não pretende consagrar pessoas, nem se centra em figuras de heróis ou grandes mártires, mas lança novos olhares numa perspectiva microhistórica (LORIGA, 2011). Trata-se de numa compreensão de que o fazer histórico também se desvela na ação cotidiana dos sujeitos e grupos sociais silenciados pela história oficial, apresentando uma nova dimensão na edificação de identidades e da memória social (NORA, 1993), inter-relacionado indissociavelmente a história individual e a coletiva (PALITOT, 2008). Dessa maneira, enfatiza-se que uma biografia não se restringe somente às particularidades da vida de um indivíduo, mas busca a compreensão de um todo pela parte, ao desvelar aspectos de um contexto sócio-histórico específico que amplia a compreensão acerca da história da educação (VASCONCELOS; XAVIER; FIALHO, 2018; FIALHO et al., 2020).

A entrevista em história oral se deu com a biografada Helena Potiguara, em 05 de março de 2020, após explicação da pesquisa e sua concordância em participar registrada no termo de consentimento livre e esclarecido. Ela teve duração média de uma hora, foi gravada, transcrita, textualizada, validada e utilizada como fonte primária, com o intuito de desvelar os enredos pertinentes a história da educação do povo Potiguara. Interessa esclarecer que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), obtendo parecer favorável de número 2.585.705/2018.

Helena Potigura nasceu no dia 20 de março de 1954 no Piauí, mas foi registrada como cearense da cidade de Novo Oriente. É filha de Gonçalves Ferreira do Nascimento e Manoel Gomes de Oliveira, sendo a primogênita de doze irmãos. Foi alfabetizada somente aos 12 anos, numa escola particular, pequenina, do interior cearense, por causa da ausência de instituições educativas nas proximidades da comunidade indígena e pela necessidade de colaborar com o trabalho doméstico. Como casou-se muito jovem, entre 15 e 16 anos, e do matrimônio nasceram 3 filhos, que teve que cuidar sozinha do sustento da família com o fim do casamento, o que prejudicou, mais uma vez, sua escolarização.

Helena Potiguara volta a estudar apenas em 1990, no Colégio Regina Pacis, para concluir o ensino médio normal. Finalizou o curso em quatro anos, dos quais foram três anos das disciplinas regulares e mais um ano de especialização para o magistério de segundo grau. Durante esse período, colaborou com o projeto de Dom Antônio Fragoso, especialmente porque o bispo pretendia realizar o mapeamento das famílias que ele acreditava ser de pessoas descendentes de indígenas. Assim, “[...] a ação pastoral visou resgatar as ‘raízes indígenas’ dos moradores de Crateús. Com o andamento do processo, a pastoral passou a reivindicar o reconhecimento da identidade indígena e o acesso aos direitos assegurados na Constituição Federal às populações indígenas” (LIMA, 2010, p. 132).

O trabalho no mapeamento indígena despertou em Helena Potiguara a vontade de criar uma escola indígena em Crateús, como explica:

Bem, no princípio ninguém queria que eu criasse essa escola. Eu digo as outras instituições. Mas o sonho era muito grande na cabeça e o sentimento no coração, o

desejo também. Aí eu ia para o CREDE, insistia, insistia e eles não queriam nem saber. Quando eu vi que eles não iam deixar. Aí eu falei: ah, pois então, eu vou começar por minha conta. Isso foi no dia 4 de abril de 1994, que eu fui a última vez lá insistir e não deu certo, aí fui criar por minha conta. Aí nós tínhamos feito um acampamento terra livre com pessoas que não tinham condições de pagar aluguel e fizemos uma turma só com adultos. E criamos a Escola Raízes Indígenas. A professora era eu, e ensinava os adultos. Tinham muitos adultos, que eram das famílias que não tinham onde morar e ficavam participando das aulas a noite (GOMES, 2020).

Mesmo com a negativa de apoio da Secretaria de Educação, Helena Potiguara constituiu a primeira organização educacional entre os indígenas de Crateús, promovendo uma educação diferenciada daquela oferecida nas distantes escolas formais dos não-indígenas. Sobre este episódio inicial a autora Lima (2010, p. 198) explicita que:

Os dois primeiros professores (Helena e Hector), como foi citado, eram indígenas que atuavam em um programa de alfabetização para adultos criado pela Diocese de Crateús. As salas de aula funcionavam nas sedes comunitárias da Vila Vitória e Terra Livre. Em 1996 duas novas salas foram abertas no Maratoan e no Altamira [...]. Em 1998, solicitaram a abertura de turmas em Monsenhor Tabosa e Poranga.

As atividades da Escola Raízes Indígenas foram se expandindo na região, caracterizadas pela informalidade e ausência total de recursos, assim, Helena Potiguara nos conta que “Não tinha merenda, não tinha material, não tinha nada, só mesmo a força de vontade e o povo que acreditava” (GOMES, 2020). As salas de aula funcionavam em sedes comunitárias e na casa dos professores indígenas, e não havia pagamento de salário aos professores, sendo esses geralmente voluntários.

Importa destacar uma ajuda importante, de uma bancária, que cedia papéis usados apenas de um lado: “[...] uma moça que trabalhava no Banco do Brasil, Socorrinha Sales, me disse: Helena, eu vou juntar papel, papel usado para sua escolinha. Aí toda sexta-feira eu ia lá pegar maços de papel usado do banco. Aí nós aproveitava (GOMES, 2020).

Helena Potiguara revela entusiasmo ao lembrar sobre o início de uma organização escolar indígena diferenciada:

Aí então, nós conseguimos e os pais gostavam tanto da escola que achavam importante colocar as crianças pequenas. Aí foi aí que nós começamos também com crianças pequenas. No espaço que os pais estudavam de noite, os pais colocavam os filhos durante o dia. (GOMES, 2020).

A educação era inicialmente para indígenas adultos, logo ampliou-se para o público infantil, sempre considerando a rotina e o contexto de vida indígena. Ante a demanda considerável de alunos, no ano de 1999, Helena Potiguara foi à casa de Dom Jacinto, pois com a saída de Dom Frágoso, ele era o atual bispo da diocese de Crateús, para escreverem um projeto para o reconhecimento da escola e pagamento de professores indígenas. Lima (2010) transcreve a fala da biografada:

Levamos (o projeto) pra apresentar em Caucaia com todos os índios. Nós sabíamos que o Napolini (Antenor Napolini, Secretário de Educação do Estado) ia estar lá. Aí nós levamos. Eu apresentei. A Teka disse: - Helena tu apresenta e eu defendo se houver necessidade. Depois que apresentamos, o Napolini disse que era impossível regularizar pagamento para professor indígena e construir escola. “Isso é impossível

de se realizar. Eu nasci e me criei sonhando em pegar o sol assim que ele nascesse e isso nunca aconteceu. Até hoje ainda não peguei”. Ele soltou essa piadinha, mas nós seguimos em diante e defendemos o nosso peixe, dissemos que era possível. Até que no fim ele disse: Eu posso levar esse projeto e apresento lá em Brasília, mas sem nenhum compromisso. Foi aí que a Mazé (funcionária da SEDUC) disse que já que ele estava disposto a levar o projeto pra Brasília, ela sugeriu que a gente ampliasse, colocasse a nível de estado e não mais a nível de região de Crateús. Nós ampliamos e foi uma vitória. [...] (LIMA, 2010, p. 181).

A aprovação do projeto foi conseguida, mas era necessário superar toda a burocracia exigida. Helena Potiguara explica que para construir a escola, foi argumentado que os indígenas já tinham que ter o pedaço de terra o qual seria construído a escola, no entanto, seu povo não possuía, pois, moravam na periferia da zona urbana da cidade de Crateús. “Então, fizemos a retomada num pedaço de terra pública e era uns 100 metros quadrado e fizemos uma escola muito bonita e boa. O governo do estado do Ceará tomou de conta, através da Secretaria de Educação (SEDUC)” (GOMES, 2020).

As reivindicações sobre equipamentos, construção do prédio da escola, pagamento de salário e formação de professores, manutenção de alunos, foram lideradas pela indígena Helena Potiguara: “Nós tivemos a nossa escola depois de muita luta. O prédio da escola só foi construído pelo governo do estado em 2008. E o governo do estado inaugurou em 2009” (GOMES, 2020). Atualmente, no ano de 2020, Helena Potiguara é diretora da Escola Raízes Indígenas de Crateús, no bairro do Campo Velho, que conta com mais de 400 alunos matriculados, sendo 90% de origem indígena.

A história de vida de Helena Potiguara permitiu observar que ela rompeu paradigmas ao reivindicar sua identidade étnica, ganhando notoriedade e colaborando para a luta coletiva de sua região, em especial, no âmbito educacional, pois desencadeou um processo de conscientização da comunidade que culminou no gosto pela educação escolar diferenciada para os povos indígenas da região de Crateús. Afinal, foi por meio das atividades realizadas - mobilizações, levantamento do histórico das famílias e as tomadas de terras públicas – que houve a quebra de silenciamento da identidade étnica e a organização do movimento indígena local, culminando na estruturação da escola e no modelo de educação indígena diferenciada.

O que podemos inferir é que a prática política e educativa de Helena Potiguara ensejou um protagonismo em Crateús, visto que mesmo a educadora tendo tecido seu percurso pedagógico em espaços escolares formais não indígenas, ela vislumbrou uma educação indígena diferenciada voltada para a realidade social e cultural de seu povo, o que lhe conferiu destaque.

Percebe-se que foi inicialmente por meio do movimento iniciado pela pastoral, depois liderado pela indígena Helena Potiguara, que se iniciou uma mobilização social que resultou na construção de mais 8 escolas indígenas na região de Crateús e seu entorno, gerenciadas pela Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 13). As escolas estão distribuídas entre as etnias Potiguara, Kalabaça, Kariri, Tabajara e Tupinambá. No rol do conteúdo didático, as escolas contam com aulas que buscam resgatar as descendências indígenas por intermédio das culturas dos ancestrais, tendo como especificidade se fortalecer enquanto grupos étnicos que possuem particularidades socioculturais e históricas que necessitam ser preservadas e valorizadas.

Referências

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 155-202.

BURKE, Peter. (org.) **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (USP), 2015.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRAGA JÚNIOR, Ricardo de Sousa Braga; MONTE, Rayane Sales; BRANDENBURG, Cristine. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 2, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505>. Acesso em: 25 de nov. de 2020.

GOMES, Maria Helena. Entrevista concedida a **(retirado para preservar anonimato)**. Ceará, 5 mar. 2020.

LIMA, Carmen Lúcia Silva. **Etnicidade indígena no contexto urbano: uma etnografia sobre os Kalabaça, Kariri, Potiguara, Tabajara e Tupinambá de Crateús**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2010.

LORIGA, Sabrina. **O pequeno x: da biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. Projeto História, nº 10. São Paulo: Educ, 1993, p.7-28. Tradução: Yara Aun Houry.

PALITOT, Estêvão Martins. Descobrir-se índio na cidade: as aldeias urbanas em Crateús/CE. **Reunião Brasileira de Antropologia**. 26, Porto Seguro, 2008.

XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (orgs.). **História, Memória e Educação: aspectos conceituais e teórico-metodológicos**. – Fortaleza: EdUECE, 2018.